

TECENDO MEMÓRIAS: A ARTE DO BORDADO NA CIDADE DE BARRA LONGA, MINAS GERAIS¹

Marcone de Souza Guedes²

Resumo: A presente proposta, fruto da pesquisa de Mestrado em História desenvolvida entre os anos de 2020 e 2021, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, possui como objetivo principal refletir sobre a atuação de grupos de bordadeiras residentes na cidade de Barra Longa, em Minas Gerais, sobretudo, a partir da fundação da Associação Barralouguense de Bordadeiras e Artesãs, ocorrida em 2003. Tal movimento analítico, por sua vez, é propiciado pela metodologia da História Oral através das entrevistas realizadas pelo proponente desta submissão a algumas das barra-longuenses representantes desta prática. Em termos teóricos, a investigação embasa-se em autores que aprofundaram as categorias de memória, do local e também dos saberes e fazeres, abarcando, portanto, o ofício das bordadeiras. Como conclusão, defende-se que a despeito da existência tricentenária desta prática no território de Barra Longa, a constituição da Associação inaugura um novo momento neste ofício mais voltado para a atuação coletiva. Tal coletividade será ainda mais reforçada a partir do crime socioambiental da mineradora SAMARCO, em 2015, quando há uma série de mobilizações visando resistir a esta nova configuração sócio-cultural-política. Assim, o patrimônio local das bordadeiras é, indissociavelmente, comunitário. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Registra-se, portanto, os agradecimentos à CAPES e a Universidade Federal de Ouro Preto pelo apoio delas recebido.

Palavras-chave: Bordado; Bordadeiras; Barra Longa; Memória.

Introdução

A história dos bordados em Barra Longa está intrinsecamente atrelada a própria história desta localidade. Ao longo dos mais de 300 anos de existência de São José de Mathias Barbosa, posteriormente São José de Barra Longa e, por fim, apenas Barra Longa, esta arte sempre se fez presente. Somada a ela, há inúmeros outros saberes e ofícios que fazem parte da cultura barra-longuense, no entanto, o bordado – ou, melhor dizendo, os bordados – ocupam espaço privilegiado nas mentes e nas casas dos cidadãos ali residentes, assim como em outros espaços, destacando-se a Associação Barralouguense de Bordadeiras e Artesãs.

Não obstante, como forma de reconhecimento da importância da prática do artesanato de bordado, assim como da mencionada associação na sociedade barra-longuense, ambas foram

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático *História Oral e memória das artes, da cultura e da criatividade*, durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo.

² Doutorando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto - MG. E-mail: marcone.guedes@aluno.ufop.edu.br

consideradas, no ano de 2005, bens imateriais do município e registradas no *Inventário de Patrimônio de Barra Longa*, produzido no ano de 2017 (PREFEITURA DE BARRA LONGA, 2017).

Sendo assim, o presente texto pretende demonstrar a importância desta prática na produção de memórias e resistências, ao longo do tempo, mas, de maneira especial, a partir de 2015, quando em 5 de novembro ocorreu o rompimento da Barragem de Fundão, no subdistrito de Bento Rodrigues, pertencente ao município vizinho de Mariana-MG. Na ocasião, a lama de rejeitos invadiu o rio Carmo, que corta a área urbana de Barra Longa, e atingiu, inclusive, a sede da Associação das bordadeiras. Em nosso entendimento, desde então, resistir, performatizar e ressignificar são imperativos destas mulheres que fizeram desta prática uma arte, um patrimônio e também uma profissão, conforme buscaremos evidenciar nas próximas sessões.

Não obstante, para realização das entrevistas, baseamo-nos na abordagem conhecida como História Oral, a qual desde a segunda metade do século XX, mais propriamente a partir da década de 1980, obteve ampla consolidação e difusão (FERREIRA, 2002, p. 323). Especificadamente tratando-se do Brasil, têm-se conhecimento que, na contemporaneidade, os trabalhos voltados para essa área de estudo também cresceram, exponencialmente, com muitos pesquisadores produzindo diversas análises³, assim como ampliaram consideravelmente os métodos e interpretações utilizados. Nesse sentido, no entendimento das historiadoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Passos Amado, grandes estudiosas brasileiras do tema, a história oral deve ser “entendida como metodologia, pois remete a uma dimensão técnica e a uma dimensão teórica. Esta última evidentemente a transcende e concerne à disciplina histórica como um todo” (FERREIRA; AMADO, 2006, p. viii)⁴.

Estritamente em relação a este estudo, a importância do uso desta metodologia, principalmente pela pretensão de construir um trabalho que lide diretamente com memórias, em diferentes temporalidades, pode ser sintetizada nas assertivas de Thompson:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos

³ A título de exemplificação: FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994; MEIHY, José Carlos Sebe B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2002; FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006; ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

⁴ Acerca desta afirmação, é importante destacar que a história oral, hoje, é mais entendida como abordagem do que como metodologia, pois ela é uma perspectiva de interpretação e produção de saber, mais do que um conjunto de operatórias.

privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. [...] Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos (THOMPSON, 1992, p. 44).

Na perspectiva da História Oral, o conceito de memória se revela de crucial importância, podendo ser compreendida como uma representação intersubjetiva seletiva da experiência social. A memória, assim, procede ao encadeamento de diferentes lembranças, ao mesmo tempo que produz esquecimentos, a fim de gerar um suporte identitário próprio (único em sua singularidade) a um conjunto de sujeitos (BOSI, 1983).

O recurso à história oral no referida dissertação demandou uma operatória bastante complexa. Inicialmente, entramos em contato com alguns moradores da cidade de Barra Longa, entre os quais o padre Rodrigo Marcos, à época, pároco da cidade, que se mostrou instância fundamental para a realização das entrevistas. Contudo, diante do crescimento de transmissão do Coronavírus, com aumento de casos de contaminação na região e alta taxa de ocupação de leitos nos hospitais de Ponte Nova (que atendem os munícipes enfermos de Barra longa), não foi possível realizar a viagem em 2020. Apenas em janeiro de 2021, a Secretaria Municipal de Saúde de Barra Longa autorizou a efetivação das entrevistas nos dias subsequentes, isto é, no mês de fevereiro. Assim, após 15 dias de isolamento, realização de teste de COVID (IgG/IgM) e ida de carro (ao invés de ônibus) para a cidade, foi possível proceder às entrevistas semiestruturadas⁵, por sua vez acompanhadas das devidas medidas preventivas⁶. A estada em Barra Longa ocorreu entre os dias 8 e 11 de fevereiro de 2021 e, além das entrevistas, foi possível promover registros imagéticos e sonoros de inúmeros elementos humanos e ambientais pertencentes àquela cidade.

1. As práticas dos bordados em perspectiva teórica

Inicialmente, convém sublinhar, no que diz respeito ao Brasil, que as práticas ligadas ao que conhecemos como bordado remontam a tempos pretéritos. Assim, “[...] o bordado atravessou culturas e séculos, chegando ao Brasil através do elemento europeu, portugueses, espanhóis, franceses e ingleses [...]” (BATISTA E SILVA, 1995, p. 48). Este é, por sua vez,

⁵ A entrevista semiestruturada parte de um roteiro prévio, o qual não é aplicado rigidamente em formato de perguntas sequenciais, possibilitando então que o investigador faça adaptações quando necessário. A flexibilidade da entrevista semiestruturada permite o “contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 189). Para aprofundamento do procedimento de entrevistas em articulação à metodologia de história oral, ver BONAZZI, 2006.

⁶ Como uso de máscara, álcool gel, aferição de temperatura, distância mínima de 2 metros na ocasião de realização das entrevistas, por sua vez realizadas em locais abertos e ventilados.

[...] uma técnica de ornamentar tecidos, através do uso da agulha, com linhas variadas, pedrarias, paetês, contas diversas a fim de criar texturas e relevos em uma ilimitada possibilidade de experimentação (SOUSA, 2019, p. 26).

Nessa perspectiva, refletindo sobre a definição conceitual/prática do ato de bordar pode-se acrescentar ainda que:

O bordado é uma atividade que envolve processos de aprendizado, a disciplina, o corpo, o domínio de técnicas e de repertórios, a criação de vínculos, construindo uma forma de estar e de ver o mundo. A atividade e seus produtos têm sido parte da formação e da vida de muitas mulheres (BRITO, 2010, p. 19).

É interessante mencionar, nesse sentido, que o bordado, durante muito tempo, inclusive no período colonial brasileiro, passou a fazer parte do cotidiano de muitas mulheres, sendo associado a uma atividade quase que exclusivamente de realização feminina. Sobre essa questão, Sousa argumenta que “[...] apesar da extensa produção de bordados ao longo da história, em diferentes épocas e contextos, o ideal de feminilidade só começa a agir sobre a prática a partir da Renascença” (SOUSA, 2019, p. 26). Essa influência chegaria às terras brasileiras e reverberaria nas vivências cotidianas. Assim,

A produção artesanal foi companheira das mulheres na disciplina e na ocupação do tempo, no período de colonização. Mais do que isso, bordar e coser demonstrava um indicativo de riqueza, de prosperidade e da posição social das famílias que prosperavam. Quanto mais sofisticados fossem os enxovais, mais distinta era a família; quanto mais detalhado o enfeite, mais preciosa era a dona da casa e, por consequência, a própria família (BRITO, 2013, p. 140).

Por outro lado, há, neste processo, uma transposição das memórias, sensibilidades e experiências para os panos. Ou seja, “o bordado trazendo marcas de si, marcas de mulheres, das identidades engendradas no duro cotidiano de um tempo de precariedades” (STIMAMIGLIO, 2010, p. 23). Dessa maneira, “o pano bordado torna-se, ao final, um suporte de expressão subjetiva, podendo ser percebido como um duplo daquilo que inspira seu singular modo de confecção” (CAPPRA, 2014, p. 13).

Aprofundando a discussão, é possível pensar, de modo específico, a arte de bordar em Minas Gerais. Segundo o historiador Luciano Raposo de Almeida Figueiredo:

Na maestria de confeccionar objetos, a criatividade do mineiro sempre foi ímpar, nas mais variadas regiões culturais mineiras de acordo com o processo histórico de cada uma, criam-se variados objetos, quem conhece a história da nossa colonização é capaz de compreender melhor a história desses objetos, suas respectivas curiosidades e suas características peculiares as quais traduzem o jeito de ser e a cultura da comunidade de origem (FIGUEIREDO, 1997, p. 128).

Assim, vê-se que os bordados são partes integrantes do próprio processo constitutivo do território que, posteriormente, se tornaria Minas Gerais. Além de situações específicas como a de algumas mulheres que exerciam tais ações, conforme explicitado acima, mapeia-se, em

Minas Gerais, muitas pessoas que lucravam constantemente com trabalhos artesanais, fazendo dessas atividades sua forma de sustento.

Outro aspecto relevante de ser citado possui relação com o fato de que em muitas localidades de Minas Gerais em que a atividade mineradora predominava, ou havia sido importante em algum momento, se desenvolveu também uma forte aproximação com as práticas privilegiadas nesta análise. Isto é:

[...] nos principais municípios do estado de Minas Gerais, os quais tiveram sua formação histórica e econômica ligada à atividade mineradora, ocorreu um simultâneo processo de desenvolvimento socioeconômico relacionado ao artesanato, à implementação do turismo histórico, arquitetônico, cultural e ambiental (RODRIGUES, 2012, p. 69).

Tal constatação pode ser vislumbrada em Barra Longa, território marcado pela mineração e por significativa difusão cultural, como, por exemplo, por meio dos artesanatos e bordados. Passemos, então, ao estudo de caso sobre o respectivo município.

2. A arte do bordado em Barra Longa

Conforme recorda a ArteSol (Artesanato Solidário), organização sem fins lucrativos que atua na divulgação e valorização do artesanato no Brasil, “a prática do bordado em Barra Longa é quase tão antiga quanto a própria fundação da cidade, acompanhando a história de gerações de mulheres, seus anseios e desejos, segredados a cada ponto” (ARTESOL, s/ a.). Optamos por iniciar com essa breve citação, pois ela elucida como a respectiva prática se constituiu como um elemento fundamental para a compreensão da própria história do município em questão.

Em Barra Longa, sabe-se que “as técnicas mais utilizadas hoje são o richelieu, bordado livre e ponto cruz, que nas habilidosas mãos das bordadeiras dão graça à caminhos de mesa, lenços, toalhas, jogos americanos, peças de roupas e acessórios” (ARTESOL, s/ a.). Em relação ao richelieu, este

[...] pode ser executado à mão ou à máquina de pedal, com o auxílio do bastidor. O desenho é feito em papel manteiga e depois passado para o tecido. O tecido é costurado com ponto reto e reforçado com zigue-zague, contornando-se todo o desenho (ARTESOL, s/ a.).



Fig. 1 – Bordado richelieu. Fonte: Acervo pessoal.

O ponto cruz, por sua vez, [...] é um bordado com ponto imitando pequenas cruces que permite a contagem de fios e que quando agrupadas, formam um desenho. Geralmente executado em tecido etamine e linho, de tramas bem definidas (ARTESOL, s/ a.).



Fig. 2 – Bordado Ponto Cruz. Fonte: Acervo pessoal.

Por fim, o bordado livre

[...] conserva pontos tradicionais do bordado reorganizando os espaços e propondo novos estilos de desenho. As temáticas escolhidas, que geralmente retratam a fauna e flora, as tradições, ou cenas cotidianas, proporcionam um meio de expressão e interação profunda entre quem borda, o grupo e o local (ARTESOL, s/ a.).



Fig. 3 – Bordado Ponto Livre na almofada. Fonte: Acervo pessoal.

Outra técnica que remonta tempos longínquos é o chamado crivo antigo. Esse modelo foi muito utilizado entre os moradores da referida porção geográfica, mas, com o passar dos anos, acabou caindo em desuso. Todavia, uma cidadã barra-longuense, chamada Maria Aparecida Lana, mais conhecida como Pice, proprietária de um ateliê de bordados e demais artesanatos na cidade e uma das pioneiras da Associação Barralanguense de Bordadeiras e Artesãs (ABBA), ainda produz materiais com essa técnica que ela aprendeu com a avó. Segundo ela:

Barra Longa já vem de uma história de bordadeiras [...]. Aqui em Barra Longa, você pode ir em qualquer casa aqui que tem uma mala de bordado, tem aquelas caixas de bordado, coisa que não existia mais, nós tínhamos salões de bordado aqui em Barra Longa, salão que bordava crivo, salão que bordava matiz [...], salão que bordava richelieu a máquina [...] (LANA, 2021).



Fig. 4 – Bordado Crivo antigo bordado por Maria Aparecida Lana. Fonte: Acervo pessoal.

Ainda a respeito das atividades desenvolvidas nos últimos anos, em Barra Longa, relembremos que a própria associação surgiu neste contexto:

A ABBA, Associação Barralanguense de Bordadeiras e Artesãs foi fundada em 2003. [...] Fonte principal ou complementar de renda, a produção do bordado ocupa um espaço relevante na vida das bordadeiras. Como ocupação, o bordado é valioso pois conecta mente e corpo na repetição dos pontos, que criam delicados e coloridos padrões (ARTESOL, s/ a.).

Maria Aparecida Lana, que, como dito, acompanhou o processo de surgimento da ABBA, detalha alguns aspectos referentes a história da referida associação:

Foi uma parceria da população, de nós bordadeiras, com a prefeitura local. Então, a prefeitura deu muito, muita assim força na época pra gente registrar sabe a Associação, mas nós vendemos pastel na rua, tudo pra ter o dinheiro. [...] Aí depois, assim, o grupo foi deixando porque eram oitenta e tantas mulheres, aí foi deixando, deixando, deixando, depois ficaram só acho que 12 ou 13, não sei, no final, como juntou na Casa das Artes (LANA, 2021).

Neste mesmo sentido, é oportuno acrescentar que

A Associação Barralanguense de Bordadeiras e Artesãos (ABBA) conta com a participação de pessoas que buscam repassar a técnica do trabalho manual às gerações seguintes. De acordo com o relato de uma moradora de Barra Longa, algumas

bordadeiras viajam inclusive para cidades como Ouro Preto, Mariana, Belo Horizonte, até mesmo para outros Estados, para venderem seus bordados (ANDRADE, p. 105).

As assertivas de Andrade estão em consonância, inclusive, com a ocorrência da participação de um grupo de bordadeiras de Barra Longa na Feira Internacional de Negócios Criativos e Colaborativos Digital (FINCC), em maio de 2020. Desse modo, seja para a venda dos produtos em questão ou mesmo para a exposição dos trabalhos, há uma divulgação do grupo que extrapola os limites geográficos de Barra Longa, conforme é possível perceber também na notícia a seguir:

A mostra da Associação Barralanguense das Bordadeiras e Artesãos ficará exposta na Galeria de Arte da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) entre esta segunda (26) e sexta-feira (30), das 8 às 18 horas. Serão exibidos peças decorativas e produtos para cama, mesa e banho, feitos à máquina ou à mão, bordados em tecidos como cambraia, percal e sacaria. As peças, produzidas também com recortes e colagens de retalhos, expressam a mineiridade e a simplicidade da vida do interior (O POPULAR, 2018).

É plausível reiterar ainda que além da articulação entre as bordadeiras, a visibilidade pública, dentre outros fatores propiciados pela instituição da referida associação, mapeiam-se ainda diversos outros benefícios adquiridos a partir da mobilização coletiva das pessoas envolvidas neste grupo. Ou seja, nota-se que houve ganhos não apenas em âmbito individual, mas para a organização como um todo e, conseqüentemente, para a cidade de Barra Longa. Ao nosso entendimento, muitas dessas melhorias poderiam não terem ocorrido, caso houvesse a atuação isolada dessas mesmas pessoas, sem a estruturação aqui apresentada:

A organização trouxe benefícios, como o acesso aos cursos de empreendedorismo do Sebrae, facilitando também a participação em feiras e eventos. A compra coletiva de matérias-primas (linhas e tecidos) direto das fábricas barateou o custo de produção das peças. Com patrocínio da Samarco Mineração, em 2010 a associação adquiriu máquina de overloc para acabamento, que o grupo usa de forma coletiva. As bordadeiras atendem demanda de diversos municípios [...] (ESTADO DE MINAS, 2014).

Sendo assim, vê-se que a organização, representada nas articulações dos sujeitos, mas também no espaço em que ela ocupa, perpassa pela transposição de memórias e experiências, mas também pela esfera socioeconômica e de inserção de elementos considerados pertencentes a modernidade a uma prática que já possui tanto tempo de existência.

Além disso, há outras mobilizações coletivas das mulheres que atuam nessa área. Um exemplo é o grupo conhecido como Meninas da Barra:

As agulhas e fios das Meninas da Barra tecem arte e enredam uma história que entrelaça busca pela identidade e superação de barreiras. O grupo, formado em 2017, é constituído por cerca de 30 mulheres de 17 a 80 anos e desempenha um importante papel na remuneração das famílias, além de colaborar com o fortalecimento da economia local (O LIBERAL, 2019).

O trabalho desse grupo também teve projeção nacional, pois o estilista Ronaldo Fraga convidou-as para elaborarem peças que pudessem ser apresentadas na passarela do São Paulo Fashion Week, no ano de 2018. Elas, prontamente, aceitaram e confeccionaram a coleção que foi nomeada “As Mudanças”. Nesse sentido, o site da prefeitura municipal de Barra Longa reportou, na época, a importante notícia:

Está acontecendo em São Paulo a 45ª edição da São Paulo Fashion Week, o maior evento de modas do Brasil e da América Latina, que promove visibilidade para o mundo inteiro [...]. A cidade de Barra Longa está sendo representada por um grupo de 32 mulheres de 17 a 80 anos que trabalham com peças únicas bordadas em técnicas denominadas ‘richelieu’ e ‘livre’, com formas, cores e estampas diferentes. Sob o olhar do estilista Ronaldo Fraga que desenvolveu a coleção para o evento que acontece entre os dias 22 e 26 de abril. A inspiração veio do movimento ágil dos dedos que tece as tramas das bordadeiras de Barra Longa enreda uma história que entrelaça a busca pela identidade, barreiras, resiliência e superação, mantendo técnicas únicas que passaram por gerações resistindo também ao rompimento da barragem de Fundão no ano de 2015 (PREFEITURA DE BARRA LONGA, 2018).



Fig. 6 – Ficha técnica do desfile de Ronaldo Fraga⁷.

Frente a isso, o estilista responsável pelo convite e pela organização explicou como se deu todo este processo:

Essa história nasceu quando fui convidado para ir até lá conhecer um grupo de bordadeiras. Cheguei, dei o nome ao projeto, que se chama Meninas de Barra Longa (a gente fala meninas, mas tem bordadeiras de 80 e poucos anos ali). No primeiro encontro, pedi que elas trouxessem bordados que caíram em desuso, que elas guardavam de forma preciosa, e uma delas, que é mestra e está com princípio de Alzheimer levou uma camisolinha de batismo que todos os primos dela tinha usado. [...] ‘Mas a minha era muito mais bonita’, ela disse. E eu perguntei ‘Cadê a sua?’. ‘A lama levou’, ela respondeu. ‘Então vamos bordar outra para a próxima geração’, eu falei. Acho que é isso o que tem que ser feito agora. (ESTADÃO CONTEÚDO, 2018).

Do mesmo modo, a bordadeira Ana Maria Pereira expressou a surpresa e alegria do grupo por terem recebido este convite, considerado, por elas, tão especial, sobretudo em virtude

⁷ Disponível em: <https://www.barralonga.mg.gov.br/index.php/noticias2/item/304-bordadeiras-de-barra-longa-apresentam-na-sao-paulo-fashion-week-2018>. Acesso em: 02 abr. 2021.

do momento extremamente difícil que toda a cidade passava, diante do ocorrido de novembro de 2015:

A gente estava cabisbaixa, triste, sem conseguir produzir, e o desfile serviu para levantar a cabeça das bordadeiras, mostrar nosso valor. O que temos a fazer hoje é agradecer e dizer, em nome de todas, que estamos felizes com o resultado desse projeto (PEREIRA, 2019).

Não obstante, Maria Antonieta Carneiro Pimenta, uma das bordadeiras que viajou até São Paulo para acompanhar o desfile, também discorreu sobre algumas informações a respeito da viagem:

Foi bacana demais, foi muito bom [...]. Fomos no micro-ônibus, não gastamos nada, nada, nada, ficamos lá num hotel bacana, aí fomos lá pro desfile, foi muito bom o desfile assim, sabe [...]. Nós fizemos uma camisa, ele fez uma camisa pra gente verde, sabe, escrito mudas, as mudas, e uma, um desenho assim de uma mulher, quase, quase nua. Nua mesmo (PIMENTA, 2021).

Maria Aparecida Lana, por sua vez, também destaca a importância deste evento, sobretudo, pois, segundo ela, ele propiciou que o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pelas bordadeiras transcendesse as balizas geográficas de Barra Longa (LANA, 2021): [...] aí veio o César, veio a lama, entendeu, então e viram que esse potencial aqui de Barra Longa, né, que é um diferencial. Aqui nas redondezas todos falam, nossa, isso aqui é bordado de Barra Longa. O que é feio aqui é o bonito lá fora (LANA, 2021).

Dessa maneira, se constata, novamente, uma sistematização das ações executadas pelos sujeitos envolvidos na prática analisada, de modo que a tradição que envolve essa atividade, mas, em igual proporção, a implicação de tantas subjetividades e experiências coletivas, como o próprio rompimento da barragem de Fundão, propiciam um movimento que extrapola a própria cidade e chega a espaços distintos da realidade vivenciada e, conseqüentemente, gera transformações na vida dessas pessoas e, simultaneamente, no tecido social que estão inseridas. Em consonância com o que se discute, pode-se citar o que Ronaldo Fraga afirmou na época do desfile:

[...] A moda [...] tem esse poder. É impossível tirar a postura política disso. Não dá para esconder essa tragédia debaixo do papel. As barragens continuam rompendo no Brasil. Mas eu não queria reforçar a tristeza. Queria que de alguma forma fosse um alento (ESTADÃO CONTEÚDO, 2018).

Considerações finais

A partir da análise da atuação das bordadeiras de Barra Longa, é possível concluir que as contradições e desigualdades socioeconômicas com que se defrontaram os sujeitos que residem na região em que o referido município está inserido, sobretudo a partir da década de 1970, quando ocorre a instalação de mineradoras de grande porte naquele território, alcançando

a contemporaneidade, fez com que estas mesmas pessoas fossem desenvolvendo sociabilidades comunitárias, muitas vezes concretizadas nos diversos ofícios e na formação de associações.

Assim sendo, em um momento no qual certo ideário de produção e consumo se fortalece naquela espacialidade, vinculado à dinâmica do capital e à instalação de novos meios de comunicação na região, os indivíduos passam a resistir a este modelo técnico-científico a partir de uma mobilização coletiva, comunitária. Apesar de não ser um projeto hegemônico, também não foi derrotado.

É neste contexto, portanto, que a arte de bordar, cujas raízes históricas são tricentenárias, é ressignificada e adquire novas conotações, principalmente a partir da constituição da ABBA, associação que congregou e congrega mulheres e homens que exercem a atividade do bordado, seja por lazer, como forma de obter rendimentos financeiros ou por outras motivações. Desse modo, tal configuração comunitária, inerente ao bordado ali praticado, têm se constituído uma estratégia efetiva de relação diferenciada com memórias, tradições e religiosidades evocadas pelos moradores da mesma localidade.

Portanto, bordar, em Barra Longa, é uma arte, fruto da riquíssima cultura local e da criatividade de homens e mulheres que se dedicam a tal ofício, mas é também uma ação política de resistência comunitária e performatização da realidade, por vezes tão dura e injusta. Em síntese,

Borda-se à mão e à máquina, bordam velhas e jovens, alguns homens também bordam. Borda-se para si, como um lazer, para os outros, como presente ou como trabalho. Borda-se em branco e também em colorido, roupas para vestir ou para vestir a casa. Borda-se para se ter liberdade econômica ou para sustentar a família. O dinheiro que se ganha com o bordado pode ser um complemento ao orçamento doméstico, a possibilidade de sustentar pequenos luxos ou o único sustento de uma família. Bordado pode ser, ainda, veículo de atuação política e uma possibilidade de ‘rodar o mundo’ (BRITO, 2010, p. 167).

Referências bibliográficas

ANDRADE, Teresa Cristina Guerra de. *Impactos socioambientais decorrentes do rompimento da barragem de Fundão no município de Barra Longa, Minas Gerais*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável). Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

ARTESOL. *Associação Barralanguense de Bordadeiras e Artesãos*. Disponível em: https://www.artesol.org.br/Associacao_Barralanguense_de_Bordadeiras_e_Artesaos. Acesso em: 29 jan. 2021.

BATISTA E SILVA, Maria Regina M. *O universo da bordadeira: Estudo etnográfico do bordado em Passira*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

BRITO, Thais Fernanda Salves de. *Bordados e bordadeiras: Um estudo etnográfico sobre a produção de bordados em Caicó/RN*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

- BRITO, Thaís Fernanda Salves de. Narrativas, repertórios e aprendizado: bordados e bordadeiras. *Revista iluminuras*, Porto Alegre, v. 14, n. 34, p. 125-154, ago./dez. 2013.
- CAPPRA, Tânia Regina. *Tecendo memórias: narrativas de lembranças suportadas em costuras e bordados*. Trabalho de Conclusão (Graduação). 70f.: II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- ESTADÃO CONTEÚDO. Ronaldo Fraga lembra tragédia de Mariana em desfile. *Revista Veja*. Entrevista com Ronaldo Fraga. Abr. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/ronaldo-fraga-relembra-tragedia-de-mariana-em-desfile/>. Acesso em: 02 abr. 2021.
- ESTADO DE MINAS. *Rendas e bordados são boa fonte de renda para mulheres no interior*. 31 mar. 2014. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2014/03/31/internas_economia,513514/rendas-e-bordados-sao-boa-fonte-de-renda-para-mulheres-no-interior-de-minas.shtml. Acesso em: 29 jan. 2021.
- FIGUEIRDEDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias: Vida Familiar em Minas Colonial*. Tese (Doutorado em História), São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- LANA, Maria Aparecida. Entrevista concedida a Marccone de Souza Guedes. Barra Longa, 09 fev. 2021.
- O LIBERAL. *Projeto empoderar lança catálogo de produtos das bordadeiras e quitadeiras de Barra Longa*. 18 abr. 2019. Disponível em: <https://site.jornaloliberal.net/noticia/865/projeto-empoderar-lanca-catalogo-de-produtos-das-bordadeiras-e-quitadeiras-de-barra-longa>. Acesso em: 02 abr. 2021.
- O POPULAR. *Mostra de artesanato revela simplicidade da vida no interior*. 26 nov. 2018. Disponível em: <https://www.opopularjm.com.br/mostra-de-artesanato-revela-simplicidade-da-vida-no-interior/>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- PIMENTA, Maria Antonieta Carneiro. Entrevista concedida a Marccone de Souza Guedes. Barra Longa, 09 fev. 2021.
- PREFEITURA DE BARRA LONGA. *Bordadeiras de Barra Longa apresentam na São Paulo Fashion Week 2018*. 08 mai. 2018. Disponível em: <https://www.barralonga.mg.gov.br/index.php/noticias2/item/304-bordadeiras-de-barra-longa-apresentam-na-sao-paulo-fashion-week-2018>. Acesso em: 02 abr. 2021.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA LONGA. *Inventário de Patrimônio*. 2017. Disponível em: <https://www.barralonga.mg.gov.br/images/divulgacao-sobre-patrimonio-cultural.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.
- RODRIGUES, Ludimila de Miranda; SILVA, Marcos Nicolau Santos da; DINIZ, Raphael Fernando. Artesanato mineiro: limites e possibilidades da atividade artesã no município histórico de Prados/MG. *Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia*, v.4, n.11, p. 62-85, out. 2012.
- SOSA, Juliana Padilha de. *Tramas invisíveis: Bordado e a memória do feminino no processo criativo*. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Belém, 2019.
- STIMAMIGLIO, Neusa Maria Roveda; ROVEDA, Fernando. *Bordando Sonhos*. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2010.